

RALLY

BENAMÔR

*Está a despertar
o Aurora Perfumaria & Cosmética*

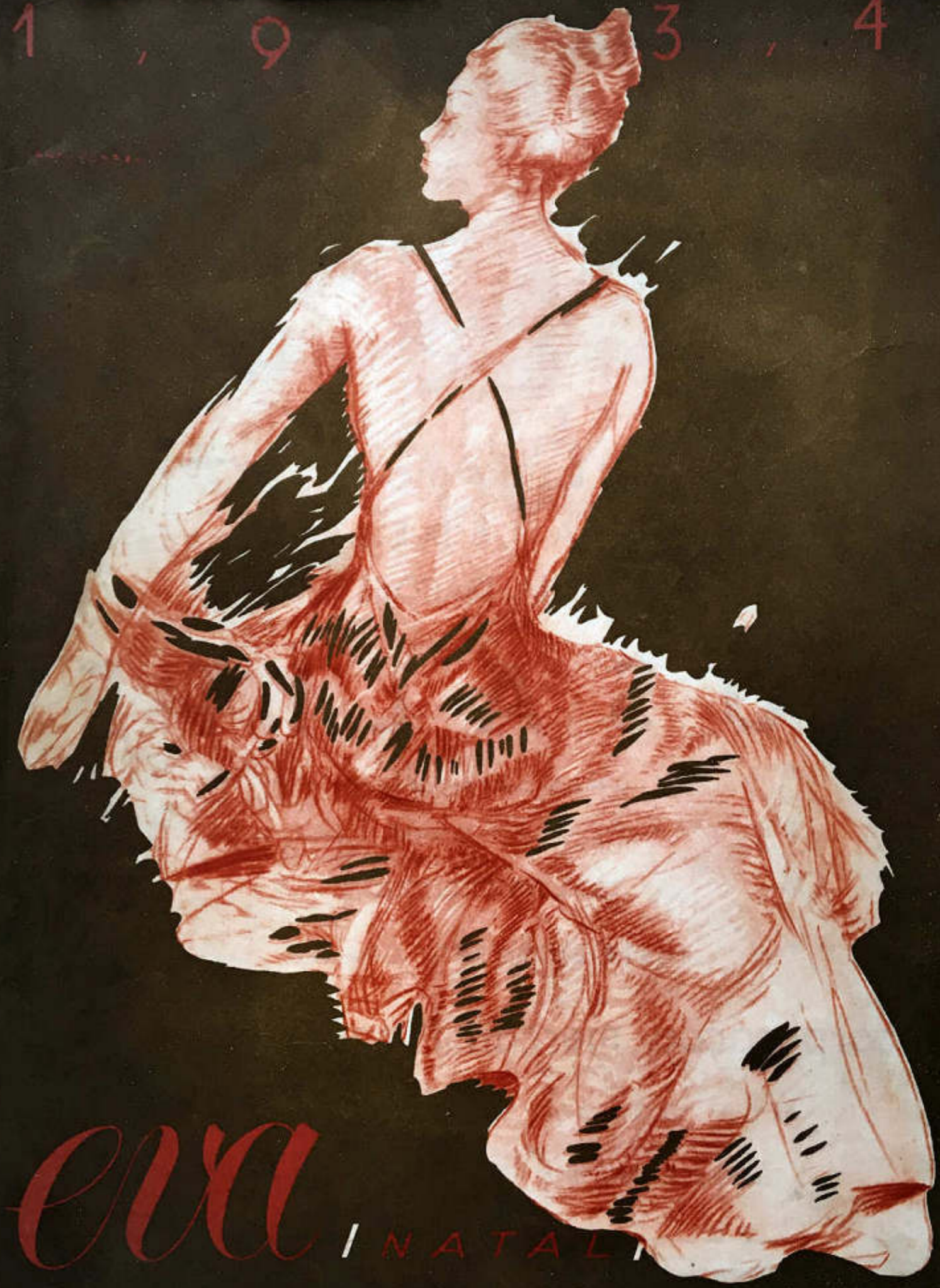


PERFUMES
PRODUTOS
DE BELEZA
SABONETES

Amorim, julio

CAPA E OITO PAGINAS EM «OFFSET» — EXECUÇÃO DA LITOGRAFIA NACIONAL — PORTO

1, 9, 3, 4



EVA / NATAL

II DEZ ESCUDOS II



T E C T O S
T E L H A D O S
P A R E D E S
C A N A L I S A Ç Õ E S

L U S A L I T E

GRANDE PRÉMIO

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA

DISTRIBUIDORES GERAIS

corporação mercantil portuguesa, l.^{da}

RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

TELEFONES-23948-28941 — TELEGRAMAS-FIBROCIMENTO



APRENSÕES DA FUTURA MÃI

Tudo está preparado para receber, festivamente, o novo ser que vem ao mundo.

O enxoval está pronto, o berço forrado de branco, o nome quasi escolhido. Tudo parece, em casa, alegria e festa.

E todavia, às escondidas, a futura Mãe é torturada pelas mais terríveis apreensões. Ela sabe que o marido é sífilítico e que, ainda por cima, não se tratou como devia. O primeiro filho nasceu morto, antes de tempo. O segundo era defeituoso e morreu também. Como virá êste ao mundo? Não trará consigo todos os horrores da sífilis hereditária? Viverá? E se viver não será um inútil na sociedade e na vida?

É esta a trágica dúvida de tantos lares,

aparentemente felizes e bem constituídos. Por isso, todo o sífilítico deve tratar-se conscienciosamente quando pense contrair matrimónio e, mais tarde, fazer com que a esposa se trate também.

O DEPURATOL — enérgico específico anti-sifilítico — tomado algum tempo durante a gravidez, conforme as instruções que acompanham o preparado, assegura a tranqüilidade de espírito e a felicidade do lar.

Medicamento inofensivo, económico e fácil de tomar, em virtude da sua apresentação em forma de pequenas pílulas, o DEPURATOL não ataca o estômago nem exige dietas.

DEPURATOL

À VENDA NAS BOAS FARMÁCIAS

tos, despejavam as terrinas da sôpa em cima delas, um passageiro do «João Belo» continuava tranqüilamente a tasquinhar o seu carapau assado, num imenso desdem por toda aquela multidão de animais superiores, que não sabem onde têm o nariz quando lhes falta um côto de vela. Esse passageiro era «Rigoletto», o animal inferior...

..

A espinhosa missão de Figueiredo levou-lhe os ossos a paragens nunca dantes devassadas. Léguas e léguas jornadaeu através do mato, quási sempre às costas de negros musculosos que ainda não tinham visto macacos daquela côr. D. Genoveva e Tininha, bem entendido, ficaram em casa. Da família europeia, só um membro, o mais miudo e discreto, acompanhara o chefe — por seu pé. Era «Rigoletto». Acompanhou-o desenfasiadamente enquanto a companhia lhe agradou. Mas, em dado momento, como lobrigasse entre silvedos um belo bicho de pele listrada, que lhe pareceu da sua raça, correu denodadamente ao seu encontro, e com êle se embrenhou nas profundezas da selva.

..

Grande foi a sensação entre os habitantes daquele troço de floresta vírgem, «vírgem do passo humano e do

machado», como diria o poeta, quando entre êles surgiu, amavelmente custodiado pelo tigre, um indivíduo da sua espécie, procedente de terras civilizadas.

Em menos dum Credo, quási tôda a população indígena — bípedes, quadrúpedes, mamíferos e reptis — assembleiava em tôrno do forasteiro. Todos ansiavam conhecer o feitio, a côr e as virtudes — sobretudo as virtudes — dêsse curioso animal que, segundo declaração, de «Rigoletto», tinha o singular costume de vestir-se. E maior foi a sua curiosidade quando «Rigoletto», informado de que tôda aquela malta considerava como seu único senhor e rei o leão, lhes deu sensacionalmente a saber que o bicho-homem das suas relações, aquele esquisito bicho-homem cujo convívio lhe era tão familiar, enclausurava leões entre ferros e se inculcava rei de todos os animais.

Posto em presença do leão, que não tardou em ser avisado do advento de «Rigoletto», muito lisonjeado ficou êste ao verificar que o soberano era pessoa da sua casta. Também Sua Magestade folgou imenso em descobrir na fisionomia do recémvindo os seus traços de família. E, como principal interessado no caso, tratou, sem delongas, de indagar com que dotes físicos e morais se enfeitava êsse esquisito animal do país do gato, para lhe disputar um trono em que êle se julgava alicerçado a pedra e cal. *(Continua na página 45)*



matal eva de 1934

DIRECÇÃO DE CAROLINA HOMEM CHRISTO

s u m á r i o

ENTRE FERAS . . .	DE ROCHA JUNIOR
QUANTO GANHAM OS ESCRITORES MAIS CONHECIDOS DO MUNDO?	DE JEAN GODEFROY
COMO PRINCIPIOLI MARIA VON LOSCH, CONHECIDA POR MARLÈNE DIETRICH	DE CHRISTIAN KOESSLER
A TURQUESA . . .	DE PRINCESA BIBESCO
VINTE E SEIS PÁGINAS DE MODAS SOB A DIRECÇÃO	DE LINE COLINE

COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE: ANTONIO SOARES, RAQUEL ROQUE GAMEIRO, MÁMIA ROQUE GAMEIRO, BOTELHO, GEORGY, ROGER BRARD, DORVYNE, DEUTSCH, LUGY DIAZ, O'DOYÉ e LIPUITZKI.
MODELOS E ILUSTRAÇÕES REGISTADAS. REPRODUÇÃO PROIBIDA.

C A P A D O P I N T O R A N T Ó N I O S O A R E S

ENTRE FERAS

DE ROCHA JÚNIOR

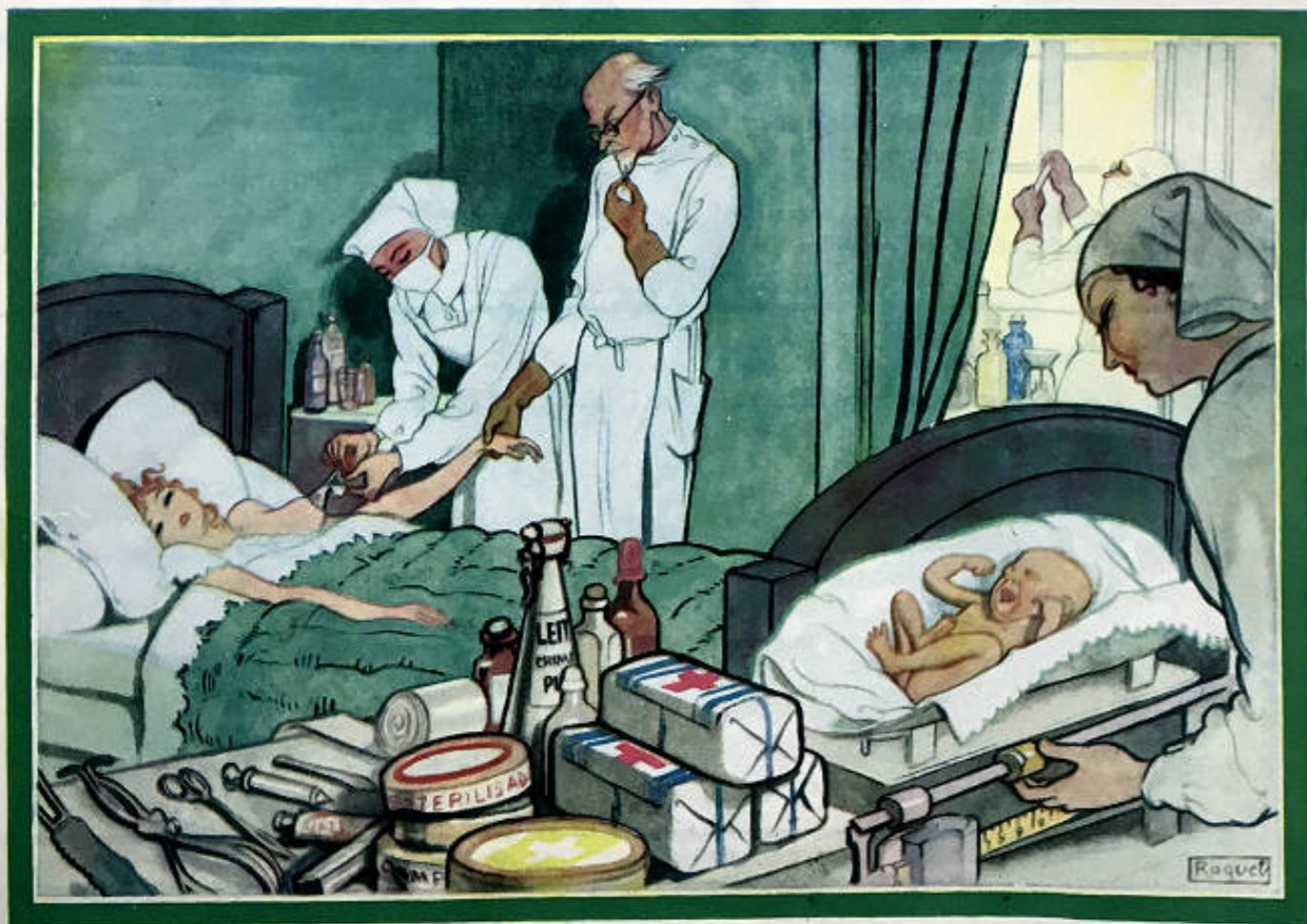
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMBIRO

— Levamos o gato?

— Um problema, filha...

Era, na realidade, um problema, e bem difícil de resolver, a sorte do anafado *rinbau-nbau*, naquele desmanchar de feira que precedia o embarque dos donos para Luanda. Figueiredo, o chefe — chefe da família e chefe da missão geodésica incumbida de trabalhos na província de Angola — considerava disparate sem medida atravancar a viagem e a bagagem com tal bicharoco — um gato de idade incerta e procedência ignorada, que resolvera asilar no atraente rés-do-chão da

rua de Buenos Aires, só porque encontrara aberta a porta da cozinha e descobrira na cabeça dum prego um rico salmonete arripiado. Devia mas era ter sido logo corrido a pau. Mas a espôsa, D. Genoveva, achava engraçadíssimo e adorável o animalzinho, com a sua mania de passar horas e horas de sentinela à gaiola do canário, sempre na esperança de a ver cair ao alcance das suas garras. E a filha, a loira Tininha, essa então é que morria, positivamente morria, se lhe tirassem o seu querido «Rigoletto» — como ela se lembrara de o baptizar desde que ouvira no Coliseu um tenor da



ópera de Verdi a gorgear uns *lará... lará... lará...* que pareciam mesmo os miaus do seu gato.

Discutiui-se longamente a coisa considerável.

Figueiredo:

— Não me seringueiem com o gato!

Bem basta o que basta... Ainda se fôsse um gato limpo, asseado, dêstes que fazem cerimónia com as carpetes... Olha: oferece-o à D. Clotilde, que tem medo de dormir sòzinha.

D. Genoveva:

— O meu gato para a D. Clotilde?! Preferia matá-lo!

Figueiredo:

— Aí está outra idéia. Mata-o. Tininha, desmaiando:

— Matar o «Rigoletto»! Ai!

D. Genoveva:

— Bárbaro! Selvagem! Andava a casa sete anos para trás!

Figueiredo:

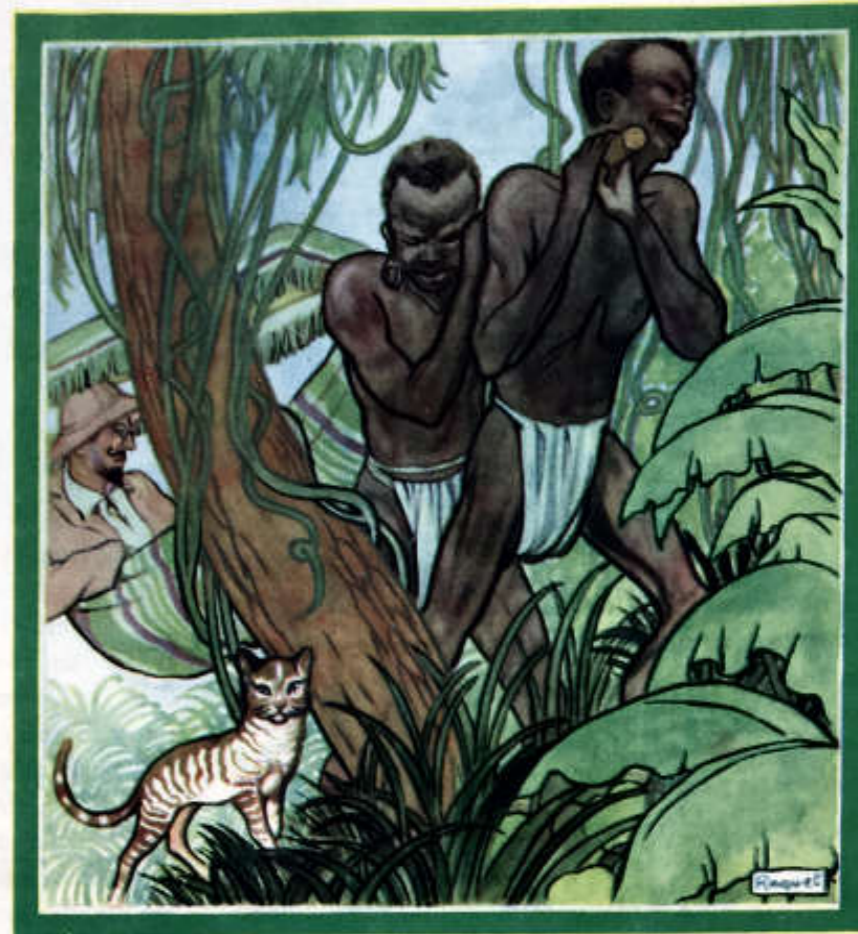
— Tanto se me dá que ande para trás como para diante. Vou pôr escritos...

Figueiredo dissera aquilo por dizer; mas no fundo ficara preocupado com as proféticas palavras de D. Genoveva. Figueiredo era supersticioso. Vinha de longe aquele ditado do azar que persegue durante sete anos as pessoas que matam gatos. Bem certo que escusava de matar «Rigoletto». Podia abandoná-lo. Mas se o gato morresse em consequência do abandono? Não viria a dar na mesma? E se, por causa do maldito gato, as coisas lhe comessem a correr mal, agora que ia, por assim dizer, recomeçar a sua vida, encetar nova carreira em terras ingratas e desconhecidas, onde tantos perigos se levantam debaixo dos pés dum homem, desde as revoltas dos pretos às picadas da mosca Tsé-Tsé?

Pensou, repensou, e finalmente decidiu:

— Seja! Levamos o gato!

A dama e a damisela penduraram-se ao pescoço de Figueiredo, perdidas de reconhecimento. O gato coçou uma orelha e voltou-se para o outro lado. Três semanas depois, Figueiredo, D. Genoveva, Tininha e «Rigoletto» embarcavam no «João Belo», a caminho de Luanda.



do Bugio, D. Genoveva, lívida de cera, bradava ao marido, à filha, aos moços de bordo que a atirassem aos peixinhos, a ver se dêsse modo se livrava das agonias do enjôo. E «Rigoletto», sereno e grave como um bispo, ressonava regaladamente, na deliciosa quentura duma almofada de sêda azul e branca.

Por alturas da Madeira, como quisesse gozar o panorama da ilha, a loira Tininha cometeu a imprudência de se acochar à prôa dum escaler, com o seu inseparável «Rigoletto» aninhado no regaço. Grupo sedutor, que tentaria o lápis dum Reynolds — veio um golpe de mar traiçoeiro e baldeou-o nas salsas ondas! Gritos, apitos, escaleres ao mar... Apesar dos seus quatro meses de escola de natação na piscina de Algés, a loira Tininha teve de ser pescada com um croque e depois içada para bordo às costas dum marujo. Entretanto «Rigoletto», que, como gato que se preza, nunca sofrera o menor contacto com a água, nadava à flôr das vagas melhor que mestre Bessone, e quando a estimável dona chegou ao beliche, desgrenhada, desmaiada nos braços do senhor seu pai, já êle lá estava farto de a esperar, escoreito e lampeiro como um anjo, queixando-se apenas de ter embotado uma unha na lépida escalada que fizera do costado do navio, sem pedir socorro a ninguém.

Finalmente, à hora de jantar, houve desarranjo na instalação eléctrica de bordo. Conseqüentemente houve pânico. E enquanto, no meio da treva, as senhoras, desorientadas, atropelavam as cadeiras, e os criados, ton-



CALLOT SOEURS

Foto Durvyne

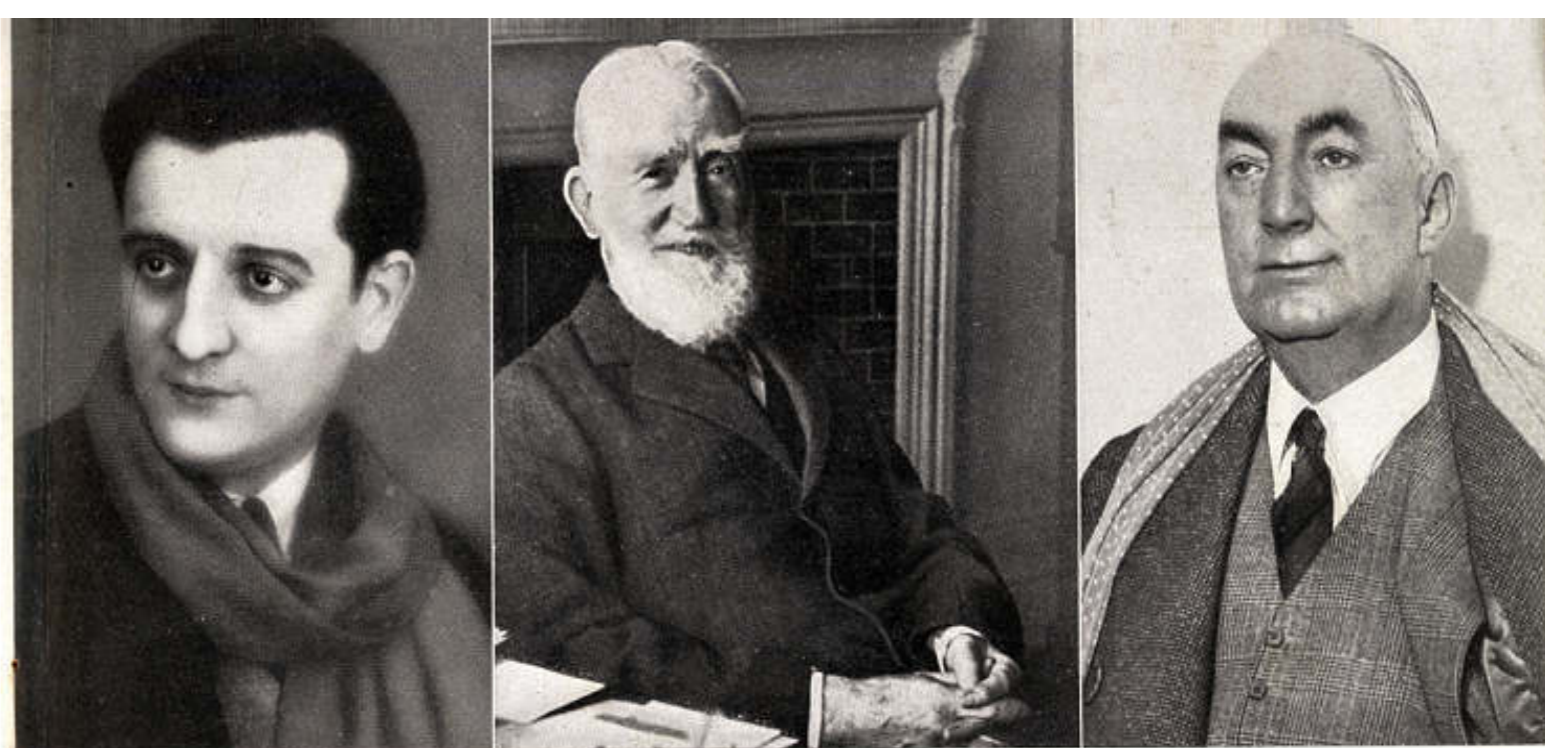


LUCILE PARAY

O tafetá e o veludo preto são os tecidos mais apropriados para os conjuntos destinados à alta elegância. Este, apresentado por Callot Soeurs, tem uma nota altamente original.

Sobre a saia de tafetá preto veste-se a túnica cingida de veludo preto, cujas mangas lisas se enfeitam de uma espécie de asas plissadas feitas em tafetá.

O pano fino também é muito apreciado para os conjuntos elegantes. Nada pode, portanto, ser tão chique como esta toilette, criação de Lucile Paray, feita de pano cor de ferrugem e pano do mesmo tom, numa cor mais clara. A saia é escura. O corpo mais claro pregueado, dá roda às mangas, que sendo enfeitadas, assim como a gola, de peles pretas, marcam uma linha de extrema originalidade.



quanto ganham os escritores mais conhecidos do mundo?

POR JEAN GODEFROY

Mais de uma vez certamente vos terá assaltado a curiosidade de saber quanto ganhará o vosso autor predilecto, quanto somarão os proventos dos escritores de maior nomeada, e até que ponto a celebridade dum romancista ou dum autor dramático significa que a fortuna e o êxito pecuniário o protegeram simultaneamente.

Em 1934 já não ha ninguém que ignore que ser escritor, poeta ou autor dramático apenas representa um rendimento mais que modesto, não chegando por vezes para o sustento duma família. Nos tempos que correm, em que uma grande parte dos mortais se julgam escritores e até génios incompreendidos, quantos dentre eles ganham o suficiente para viver, e quantos, mesmo, não têm obtido até agora da literatura mais que despesas, quasi sempre inúteis?

«A OESTE NADA DE NOVO»
12 MILHOES DE FRANÇOS

Ficareis sabendo sem surpresa que a maior receita financeira alcançada pelas obras literárias dos últimos anos foi *A oeste nada de novo*, de Erich Maria Remarque, que em três anos rendeu doze milhões de francos. Mas a sorte raramente se conserva fiel aos seus escolhidos, e assim o romance seguinte, *Depois*, não rendeu mais ao autor do que trezentos ou quatrocentos mil fran-

cos. Desde então Remarque, que emigrou muito antes do advento do hitlerismo à Alemanha, não tem ganho absolutamente nada, e vive apenas do que ainda lhe rende o *A oeste nada de novo*.

Entre os proventos de escritores regulares ocupam o primeiro lugar, sem contestação, os pertencentes ao escritor inglês Noël Coward, que, não tendo ainda 35 anos, recebe anualmente direitos, como autor, compositor e cupletista, que orçam por três ou quatro milhões de francos.

O «POBRE» SHAW

É, de resto, aproximadamente, a mesma soma que recebe o humorista George Bernard Shaw, que se permitiu o luxo de recusar a importância do prémio Nobel, que anda por cem mil corôas suecas. E declarou recentemente que logo que complete oitenta anos não quererá mais receber os direitos das suas obras, para não ter que pagar impostos nem questionar com os seus editores.

É em Inglaterra que se devem procurar os magnates da literatura. Rudyard Kipling ganha igualmente uns três milhões de francos cada ano, tanto como H. C. Wolls, enquanto que Sommeret-Margham e o famoso romancista policial Philippe Hoppenheim terão de se

contentar anualmente com milhão e meio ou dois milhões de francos.

E EM FRANÇA... MARCEL PAGNOL

Os honorários dos escritores franceses são consideravelmente inferiores a estas somas fabulosas. Não ha notícia certa de nenhum romancista ou autor dramático francês que recolla anualmente um milhão de francos, a não ser Marcel Pagnol, ao qual *Topaze*, *Marius* e *Fanny* renderam em dois anos e meio mais de cinco milhões de francos.

Ao passo que êste resultado representa um *record* em França, não é raro nem na Inglaterra nem nos Estados Unidos.

A Journey's End de R. C. Sheriff, representada em Paris com o título de *A grande viagem*, rendeu ao seu autor mais de cinco milhões de francos, a mesma quantia que J. B. Priestely recebeu pela *The good companion*, e Noël Coward pela *Bitter Sweets*.

O «RECORD» INEXCEDIVEL DE WALLACE

Mas nenhum escritor pode gabar-se de ter atingido as somas fabulosas que o escritor Edgar Wallace tem ganho com os seus romances policiaes.

Deduzidas todas as despesas de colaboração e documentações, ficavam-lhe, segundo declaração de sua mulher, cêrca de dez a quinze milhões de francos líquidos em cada ano, quantia que nenhum escritor conseguiu até hoje atingir.

GANDHI NAO PRECISA DE DINHEIRO

Ha meses, uma importante casa editora americana propôs ao famoso Gandhi escrever as suas memórias em cinco volumes, garantindo-lhe pelos direitos mundiais dêsses livros duzentos mil dólares ou sejam três milhões de francos. Um representante do editor foi à India propositadamente para se pôr em contacto com o eremita na-

turalista, mas êste recusou peremptoriamente a proposta, sem mais discussões, declarando que não tinha necessidade de dinheiro e não estava disposto a trabalhar por encomenda.

Mas se Gandhi recusou as propostas do editor americano, em compensação o famoso bandido Dillinger, em seguida à sua última evasão no mês de Março, fez uma proposta a um editor de Nova York para escrever as suas impressões sôbre a Justiça pela soma, antecipadamente paga, de cem mil dólares. Desta vez foi o editor que não aceitou, sob pretexto de que era indigno de um comerciante *yankee* manter negócios com o «Inimigo Público n.º 1» dos Estados Unidos.

HONORÁRIOS DE OUTRO TEMPO

Falando dos espantosos honorários de hoje, é interessante compará-los com os de outro tempo. Poucas pessoas sabem, por exemplo, que durante tôda a (Continua na pág. 46)

G r a ç a e M o c i d a d e



CHANEL

Foto Luigi Diaz

CHANEL prima em nos dar modelos que parecem querer caracterizar a graça e a mocidade.

A brancura destas «toilettes», a sua linha esbelta, os apanhados graciosos, tudo isto se harmoniza para nos deixar indecisos sôbre o que mais havemos de admirar: se a sapiência do corte, a fantasia do movimento ou a pureza da linha. Não será mais do que encantadora esta «toilette» de baile feita de «fayella» branca, com o seu «puff» atrás, na saia, e o grande laço nas costas?

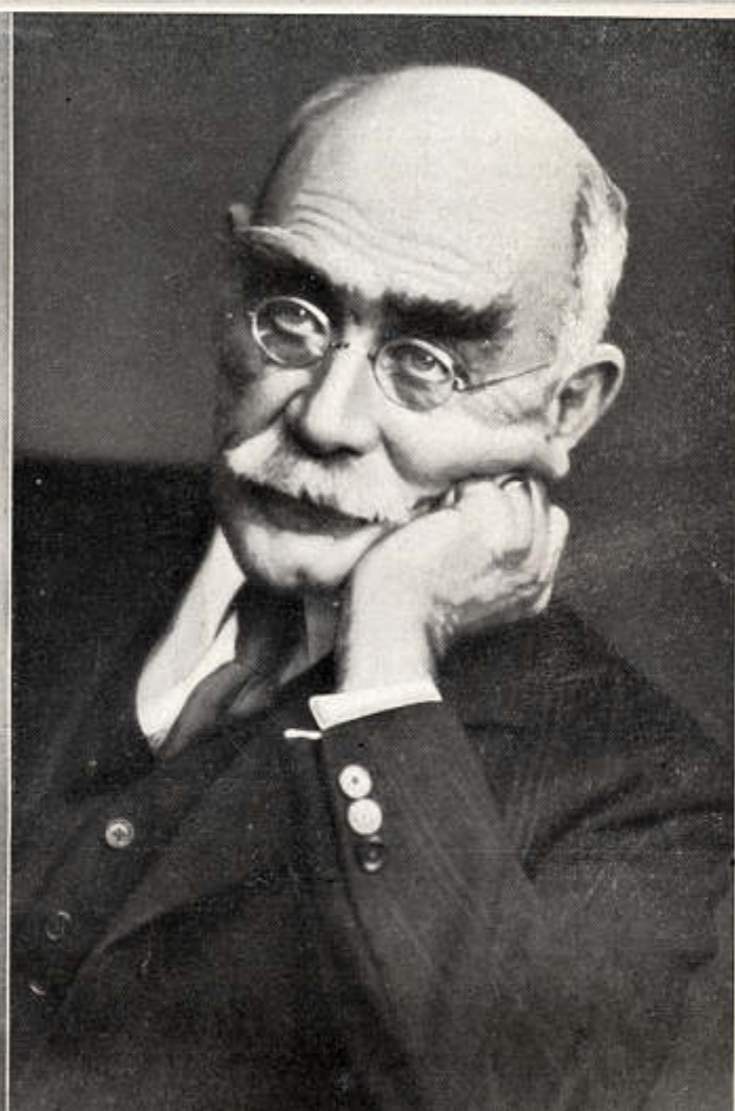
Em baixo: Que frescura se desprende dêste vestido branco, com os seus folhos fartos, apanhados em laço na frente, dando volta aos braços e acabando em bico nas costas!

Não há vestido mais gracioso do que êste para uma senhora nova ou para uma rapariga que se apresente na sociedade. É de «Chanel» e é feito de «fayella» branca, o que quer dizer: primoroso sob todos os aspectos, de mestre, enfim.



CHANEL

Foto Luigi Diaz





WORTH

NOTA-SE NESTES CONJUNTOS A SIMPLICIDADE QUE CARACTERIZA AS CRIAÇÕES DE WORTH: FAZENDA PRETA, NUM «TROIS QUARTS» LIN-
DISSIMO FARTAMENTE GUARNECIDO DE «ASTRAKAN»; E FAZENDA AZUL, NUM «TAILLEUR» DE FANTASIA COM UM LIGEIRO ENFEITE DE PELES



JEAN PATOU

É MARCANTE NA COLEÇÃO DE PATOU O TIPO DESTA SUMPTUOSO VESTIDO DE BAILE, FEITO DE VELUDO AZUL ESCURO. AS ALÇAS
QUE PARTEM DA FRENTE TERMINAM ATRÁS COM DUAS CASCATAS, O QUE DA A «TOILETTE» UMA «ALLURE» DE ALTA DISTINÇÃO



LOUISEBOULANGER

Georges

LOUISEBOULANGER MOSTRA-NOS UMA NOTAVEL CAPA DE BAILE AZUL ARROXADO DUM "CHIC" EXTRAORDINARIO E UM VESTIDO DE TAFETA BRANCO ADAMASADO DE OURO COM GRANDE CAUDA E COM AVES DO PARAISO BRANCAS A TERMINAR O DECOTE



CHANEL

VELUDO E A RENDA SAO-NOS APRESENTADOS POR CHANEL COM SUPERIOR ELEGANCIA NESTES DOIS MODELOS: VELUDO AZUL MARINHO COM UMA GRACIOSA TERMINAÇÃO DE DECOTE EM ROMEIRA, E A RENDA COM O SEU ETERNO ENCANTO



MARCEL ROCHAS

DOIS CONJUNTOS ORIGINAIS: SEDA PELUDA NO PRIMEIRO, FAZENDA E PELES LEOPARDO NO SEGUNDO



ANDRÉ BRUM

OPOSIÇÃO DE CORES: «TROI-QUARTS» CINZENTO EM «AGNEAU RASÉ» ENFEITADO A AZUL MARINHO

As peles tomaram um lugar de tal importância no vestuário feminino que se pergunta com terror que hecatombe de animais de pêlo será necessária para oferecer às elegantes o luxo de toda essa pelaria! Mas esta vaga sentimentalidade desaparece rapidamente em face dum bonito *collet* de raposa sedosa ou da finura incomparável duma capa de *vison* ou *zibeline*...

E, posta de parte a ternura pelos pobres bichos a que tiram a pele, com tão feroz egoísmo, as mulheres requintadas não se contentam com as peles vulgaríssimas e as imitações lançadas no mercado, e inclinam-se, seduzidas, para as peles de alto luxo, aquelas que a crise geral parecia ter tornado inacessíveis...

...Mas ha alguma coisa inacessível para uma linda mulher *coquette*? Como se arranjam? É um mistério, mas as peles caras abafam-lhes os ombros de neve, e os peleiros mais em voga nunca venderam tanto!

É certo que os modelos apresentados são uma verdadeira tentação, maravilhosamente trabalhados, com a mesma ciência e à-vontade com que se trabalham os tecidos. Os casacos espessos, pesados, doutros tempos, desapareceram. Os casacos de peles de hoje dão tanta flexibilidade de linha como os de fazenda.

As capas, as jaquetas e as grandes guarnições de peles que este ano se usam são recursos que multiplicam ao infinito as possibilidades da *coquetterie* da mulher elegante, e os pequenos chapéus *drapés* e as *toques à cossaca*, em *astrakan* ou *rasé*, que a moda acaba de lançar, são mais um motivo de embelezamento da carnção delicada dum lindo rosto.



ANDRÉBRUM

CASACOS DE PELES: «ASTRAKAN-BREITSCHWANTZ», VIRADOS



HEIM

DIRECTÓRIO. FAZENDA, SETIM E «ASTRAKAN» CASTANHOS. FAZENDA VERMELHA, VIRADOS E FORRO DE CASTOR



CHANEL

Foto Luigi Diaz

o chapéu e a «écharpe»

Ao lado da grande elegância marcha a moda desportiva, à qual, em certas horas, tôdas as senhoras são fiéis. Para elas «Chanel» criou um chapéusinho e uma «écharpe» de fazenda leve, amarela e castanha, que serão usados com um «tailleur» castanho com grande êxito.



LIPNITZKI
PARIS

REVILLON

Foto Lipnitzki

a moda nos abafos de noite

COM a brancura dos vestidos de noite será este ano altamente apreciada a harmonia dos casacos de arminho. Este, criado por «Revillon», é admiravelmente trabalhado em tiras que partem da gola enrolada, cingindo bem os ombros. Todo este conjunto respira graça juvenil encantadora e elegância.



Roger Brard
MARCEL ROCHAS Paris

«LUCIFER» E «TZIGANE» CHAMOU MARCEL ROCHAS A ESTES DOIS MODELOS ORIGINAIS E LINDÍSSIMOS DE VESTIDO E CASACO. FEITOS, O PRIMEIRO, DE FAZENDA VERMELHA COM PELES DE CASTOR, E O SEGUNDO, DE PANO PRETO COM «ABTRAKAN»



Roger Brard HEIM

«CATERINE» É UM VESTIDO ENCANTADOR, EM SETIM GROSSO, PRETO, QUE AQUI SE VE PELA FRENTE E COSTAS, VIESES, INCRUSTRADOS, CIRCUNDAM O DECOTE TERMINANDO NO OMBRO. O MESMO ENFEITE NA SAIA. MOTIVOS DE PEDRAS NO CINTO



PENTEADOS LIR

Alice Field, a grande vedeta, apresenta dois penteados modernos. Segundo o seu critério, o penteado deve mudar com as horas do dia e a utoi-

letten. A trança em volta da cabeça, para de dia. Os cabelos levantados na nuca, em caracóis, para a noite. Eis as preferências da linda artista.



ALICE FIELD

Fotos O'Doyé



LE MONNIER

Foto Dorvyné



CHANEL

Foto Luigi Diaz

a grande variedade dos chapéus de inverno

Deliciosamente moço é este feltro cor de castanha, cujo fundo flexível, apinhado, forma enfeite. Se o aproximarmos de peles claras melhor será o efeito.

Em cima, à direita, temos um chapéusinho de lã muito elegante, apesar de fantasista. Feito de feltro preto é trabalhado em secções debruadas de fita de gorgorão. Enfeite da mesma fita na copa.

A mistura do veludo com pintas e feltro azul marinho dá um resultado encantador. Vemos isso neste chapéus moderno que acompanha o casaco azul marinho e a gravata do mesmo veludo com pintas brancas e amarelas.



ROSE DESCAT

Foto Dorvyné



LELONG

VERA BOREA

Foto O'Doyé



Este vestido de «cocktail», em veludo castanho, com a sua blusa bege, apesar de simples, é de grande «allure».

A esquerda: Para o «cocktail» temos ainda um «tailleur» de «lamé cirén» preto e aço. A blusa, como a «écharpe», é feita do mesmo tecido, empregado do avesso.



MAGGY ROUFF

Foto O'Doyé

OUTROS DOIS, UM «VIOLETA-PÚRPURA» COM BICOS ACOLCHOADOS A OURO, OUTRO DE TAFETA BRANCO



BRUYÈRE

Foto O'Doyé

VELUDO PRETO, VIDRILHOS, «LAMÉ» E CONTAS DOURADAS EM DOIS MODELOS LINDÍSSIMOS DE BRUYÈRE

DE TARDE E À NOITE



A sêda baça e as raposas brancas são o bastante para dar tôda a elegância que apresenta este vestido simples acompanhado da capa curta enfeitada de raposas.

A direita: Um belo vestido de noite feito de «faïlle» cinzento. A saia, em forma, alarga com rolinhos enviesados. Flôres de veludo côr de rosa viva na cintura.



LELONG

VERA BOREA

Fotos H. F. Deutsch



MIRANDE

Foto O'Doyé

SAIA DE SETIM E BLUSA DE «LAMÉ», «GEORGETTE» PRETO E BORDADOS GROSSOS BRANCOS, VELUDO PRETO E



MOLYNEUX

Foto O'Doyé

RAPOSAS CLARAS, EIS A COMPOSIÇÃO DESTAS «TOILETTES»

“COCKTAILS” E “SOIRÉES” o vestido prático

A moda actual divide-se em duas partes bem distintas: a moda de dia, prática, um tanto desportiva, agradável a usar nas voltas diárias da vida activa que nenhuma mulher dispensaria hoje, e a moda elegante, que se põe a partir das 5 da tarde, e que é tão diferente da outra, que custa a crer que sejam as mesmas mulheres que no mesmo século usem as duas...

Com efeito, a mulher dos nossos dias não quis sacrificar à *coquetterie* os prazeres e à vontade que lhe proporciona o pequeno vestido simples ou o casaco despreocupado, mas também não quis abdicar do *charme* tão feminino que lhe dão os atavios mais complicados. E por isso resolveu transformar-se ao fim da tarde, substituindo o fato ligeiro pelos vestidos de *cocktails*, pequeno jantar, e noite.

Não é exactamente a *Gata-Borracheira* que se transforma com a varinha de condão, porque os vestidos de manhã ou práticos estão longe de não ser elegantes, mas, de facto, as mulheres que encontramos na rua tratando das suas compras não parecem as mesmas que à noite circulam nas reuniões de nomeada.

Para essas horas chiques são os vestidos de lindas sêdas, lãs finíssimas, feitos do maior requinte, decotes mais ou menos indiscretos, veludos, peles, saias compridas, até à grande cauda nas *toilettes* de gala, que, por seu turno, são coladas ao corpo, *drapées* e de estilo.

Para as horas da suprema elegância são ainda as capas de veludo orladas de peles, os *lamés*, as pétoas, os *pailletés* e as blusas, em profusão, de *lamé* claro.

Enfim, o maior, mais extraordinário contraste entre o vestido chamado de rua, de absoluta simplicidade, e a sumptuosidade dos outros.

Duas mulheres numa só! Quem poderá queixar-se?



WORTH

ESTE VESTIDO DE NOITE E DE LA PRETA COM APLICAÇÕES DE COR NO DECOTE E NA SAIA. AO LADO, UM OUTRO, DE VELUDO, COM FLORES METÁLICAS NO DECOTE E DEBRUM IGUAL. COMPLETA-SE COM UM CASACO DE MANGAS LARGAS ENFEITADO A RAPOSA



SCHIAPARELLI

ESTE VESTIDO SOBERBO, DE VELUDO PRETO, E DESTINADO A UMA RECEPCÃO NA NOSSA PRÓPRIA CASA. BEM ENTENDIDO, DE UMA CERTA CERIMONIA, A FRENTE ABRE SOBRE RENDA BRANCA, OU «LAME», DANDO-LHE A CAUDA UMA GRANDE «ALLURE»



MAIS DOIS VESTIDOS DE PATOU, UM PARA DIA OU «COCKTAIL-PARTIE», DE CREPE DA CHINA VERDE FORTE, COM CORTES E NERVURAS, OUTRO DE NOITE, DE VELUDO VERDE CLARO, ABOTOADO PELAS COSTAS ABAIXO, MUITO SIMPLES E BONITO.



SCHIAPARELLI

NA COLEÇÃO DE SCHIAPARELLI, COMO EM QUASI TODAS, HA MUITO VERDE. E INTERESSANTE O CASACO DE «TECIDO-PELE», VERDE, CINTADO, QUE SE VESTE SOBRE O VESTIDO DE NOITE DE TAFETA VERDE «CIRE». O CORTE E AS «RUCHES» SÃO DEBRUADAS A GOURO

de valentia e de nobreza. Coube a um gato a honra de matar, em combate singular, a terrível serpente Apopi. Não sei como se comportam ainda hoje, noutras regiões da terra, os descendentes dessa gloriosa cepa egípcia. O que sei é que este, no convívio do homem da cidade, tornou-se miseravelmente deprimido. A sua lei é o roubo, a devassidão, a deslealdade, o crime. Renunciou a descrever os as ignomínias que, no breve espaço de meia hora, este repulsivo animal me propôs, apoiado no exemplo do homem civilizado, em cujo convívio se formou e perverteu. Comunico-vos apenas que resolvi expulsá-lo do nosso grémio. Que dizeis?

Um coro imenso, unísono, como se brotasse duma só boca, respondeu simplesmente:

— Muito bem!

**

Desciam as primeiras sombras da noite sobre a tenda da missão geodésica, numa pequena aldeia de palhotas, a alguns quilómetros da fronteira, quando entre os indígenas, já alarmados pelo desaparecimento de «Rigoletto», correu voz de que um leão, perseguindo um gato, se avizinhava da povoação.

Como tinha sido aquilo?

Ao ver que o expulsavam da selva, «Rigoletto», lavado em lágrimas, começara a chorar que não era justo nem humano escorraçarem assim um triste gato para terras ingratas e desconhecidas onde seguramente encontraria a morte. Se Sua Magestade, em seu alto critério, o julgava merecedor de tão severo castigo, tivesse ao menos a caridade de o mandar acompanhar — já não dizia pelo tigre, como à chegada — mas por qualquer humilde laçao da sua corte, que lhe ensinasse o caminho até onde houvesse fumo de casais.

O leão ouviu e concordou:

— Tens razão. Eu mesmo te acompanho. — Oh! Magestade... murmurou o gato, prostrando-se aos pés do soberano.

Mas naquele gesto, de aparente submissão, «Rigoletto» quisera apenas ocultar o lampejo da sinistra alegria que lhe brilhara nos olhos: «Cáste como um patinho, grande trouxa! Se tu soubesses os intuitos com que Figueiredo e os seus companheiros, ao empreenderem a travessia do mato, se muniram de luzentes espingardas de dois canos...»

Pôs-se a caminhar, muito humilde à lharga do leão. Como este aludisse vagamente aos perigos a que se expunha aventurando-se tão fóra dos seus domínios, tratou de o tranquilizar com argumentos depreciativos da capacidade do bicho-homem:

— Coitado do pobre! Fazer frente a um leão, aquilo! Tomara ele poder comigo pelo rabo!

Andando, andando, chegaram os dois a uma colina, de onde se avistava um grupo de palhotas fumegantes. Agora o trilho era já estrada poeirenta, marginada de arbustos, onde os pássaros faziam ninho.

— Estás chegado — disse o leão. Vai com Deus; já não precisas de mim. Nunca te esqueças da lição que recebeste na selva. Procura ser bom, honesto e leal.

— Obrigado, real senhor. Assim farei.

Naquele instante, na sebe de capim, qualquer rumor inesperado levantou uma revoada de pardais. «Rigoletto» olhou e sorriu.

— Magestade. Venha comigo mais um bocadinho...

— Ainda tens medo?

— Não; é só para ver...

A sebe rumorejou de novo. Três detonações pavorosas, quase simultâneas, abalaram os ares, e o leão, atingido em plena frente, tombou na poeira do caminho, sem um gemido. Logo uma turba de gente, entre a qual avultava Figueiredo, rodeou a fera agonizante, num alarido de gritos de triunfo. E o leão foi levado de rastos à tenda, deixando ao longo da estrada um fio de sangue, sobre o qual, de espaço a espaço, «Rigoletto» se acocilhava, a sorvê-lo deliciosamente.

**

A bordo do «João Belo», de regresso à Metrópole, o assunto de todas as conversas era a grande aventura de Figueiredo e do

seu gato: um, tão corajoso e valente que, sózinho, em pleno mato, prostrara, a tiro de espingarda, ao mais temível assolador da região fronteiriça; o outro, tão inteligente e dedicado ao homem, que conseguira atrair a fera temível até à povoação, onde mais de metade dos habitantes já haviam sido trucidados por ela. Figueiredo, com grande desespêro de D. Geneveva, era o ídolo da população feminina do paquete. «Rigoletto» andava de colo em colo, animado como um que-rubim. E a loira Timinha não adormecia sem lhe encher o róseo foinho de beijos...

**

No beliche, a horas mortas, sob a carícia das ondas, que vêm lamber a vigia, «Rigoletto» às vezes sonha... Sonha que a pele do leão, estendida a seus pés, se ergue, toma forma, e lhe diz, num murmúrio de infinita máguia:

— Traíste o teu rei...

Mas «Rigoletto» sacode a cauda, afaga uma orelha e continua a dormir regaladamente, aninhado na deliciosa quentura da sua almofada azul e branca.

Quanto ganham os escritores mais conhecidos do mundo?

(Continuação da pág. 8)

sua vida o grande poeta Charles Baudelaire, o imortal autor das *Flôres do mal*, não conseguiu ganhar cem mil francos, compreendendo nesta soma os seus contos, traduções e ensaios, e as numerosas edições dos seus poemas.

O grande escritor russo Dostorvieski escreveu um dia, quasi no fim da vida, que acabava de receber a quantia de cem rublos, que prefazia cem mil rublos, totalidade de todos os seus honorários.

Ibsen, que viu a sua estatura erigida em vida, lastimava-se muitas vezes das dificuldades financeiras a que estavam sujeitos os escritores e declarou amargamente que durante toda a sua vida ganhara menos que qualquer exportador de peixe ou negociante de peles.

Encimando o artigo, no alto da página 7: da esquerda para a direita — Marcel Pagnol. Foto G. I. Manuel Frères — Paris; Bernard Shaw. Foto Agence Rol — Paris; Edgar Wallace. Fotoreportage Trampus — Paris. Na base da página 8: Erich Remarque e Rudyard Kipling. Fotos G. I. Manuel Frères — Paris.

Copyright by Agence Littéraire Internationale — Paris 5.º — Reprodução proibida

A TURQUESA

(Continuação da página 40)

«Meu querido amor» — dizia a carta mais apaixonada que ela até então havia recebido, e que terminava por estas palavras: «Levarei contigo para a morte, e mais longe ainda, se for possível, a minha profunda saúde de ti, meu amor, meu amor!»

Enide foi curtir os seus pezares para Hill-Hall, no norte da Escócia, onde a terra é vermelha. Ali vivia rodeada de tudo quanto podia lembrar-lhe um esposo adorado, ao qual pertencera a casa que habitava, onde ele nascera e onde se encontravam reunidas as recordações de infância de lord Thame e as deixadas pela sua primeira mulher. Foi organizado exclusivamente para Enide um serviço postal. Mas era irregular. Ora não recebia nenhuma carta, ora recebia três ou quatro ao mesmo tempo, e ficava tão aturdida como um prisioneiro a quem tiram duma masmorra para a luz do dia, no meio duma festa pública. Depois voltava a nada receber durante dias e dias, ansiosa e como alheada de si mesma.

Não ousava nunca reler as cartas antigas

com receio de prejudicar a chegada de novas notícias. Quando recebia uma carta, punha-se a devorá-la com tamanha avidéz que nem lhe tomava o gosto. Depois voltava a ler o que já havia lido sem compreender. E fazia isto uma, cem vezes. Em breve a carta, à força de relida, deixava de ter interesse. Então abria a gaveta onde se amontoavam as outras, as antigas cartas de amor, cheias de sentimento, que não ousava reler, e juntava-lhes a mais recente, que perdera o interesse.

No dia em que o estranho correio lhe trazia muitas cartas e que a sua alma ficava saciada, a sua turquesa, sem que ela o suspeitasse, esverdeava um pouco. Mas brilhava maravilhosamente quando, depois de um ano de espera, a volta tão desejada mas tão incerta, se tornava provável. Teve conhecimento da data da partida de Seringapatan e ao mesmo tempo a notícia de que rebentara nesse dia uma sedição e simultaneamente fizera erupção o tifo nessas paragens. Partiu para Gibraltar, cheia de cuidados. Sobre esse rochedo onde se encontram numerosos militares, a presença da formosa lady Thame esteve a ponto de produzir uma revolução. Mas quando se pertence ao exército terrestre é difícil falar de amor a uma solda que tem os olhos fitos no mar. A mala das Índias passou muitas vezes, sem lhe trazer nada.

Enfim, no quadragésimo dia duma espera prolongada até à tortura, a presença de lord Thame foi assinalada pela T. S. F. a bordo do torpedeiro *Invariable*. O governador estava porém invisível, mergulhado na doença do sono, oculto sob o triplo véu das suas pálpebras, dum mosquito e duma proibição rigorosíssima. Acordou milagrosamente à vista das costas de Inglaterra, gozando durante os vinte e cinco minutos gastos em atracar, as delícias duma convalescença como nunca se tinha visto.

Depois duma semana de felicidade, seguida a uma outra de perigosa recaída, e como a pedra azul esverdeasse imperceptivelmente, sucedeu que a Alemanha declarou guerra à França e invadiu a Bélgica, com desprezo do direito das gentes. Lord Thame, que conhecia a política, sabia também o que lhe cumpria fazer. Abraçou a sua jovem esposa e disse-lhe: «Temos uma guerra atroz, que deve bem durar quatro anos». Em seguida correu a alistar-se, apesar da sua idade.

Foi durante esse tempo que a pedra azul de Enide correu o maior risco de se tornar verde. Lord Thame foi incorporado num Estado Maior. Levaram então a mais pacífica das vidas: ela numa ambulância do *front*, afastada das linhas, ele um pouco mais atrás.

Os correios chegavam regularmente. Da sala onde trabalhava, com um bom binóculo, Enide podia ver o marido, fumando no seu cachimbo, no terraço duma linda habitação francesa. O seu amor sofreu uma espécie de interregno, entrecortado apenas pelos bombardeamentos dos aviões. Mas, no mês que se seguiu ao armistício, rebentou a guerra civil na Irlanda, pátria de Enide, e primeiro teatro dos feitos de seu marido.

Partiram em breve para Dublin. Lord Thame contava resgatar aí o seu crime, esse parricídio que cometera sem lhe poder prever as conseqüências e complicações. Foi aí que foi morto quasi à vista de Enide, à frente das tropas insurrectas de que tomara o comando. Ninguém na cidade compreendeu o seu procedimento. Enide fez transportar o corpo de seu marido para o cemitério de Hill-Hall, enterrou-o e retirou-se para o campo.

Como lord Thame morrera por ela, para lhe vingar o pai, em suma, julgou-se na obrigação moral de não tornar a casar.

Ocupada em tratar da sua alma, receava não voltar a ver o marido no outro mundo. Sobre a pedra azul não se divisava sombra dêsse musgo misterioso que roia as paixões mais sinceras.

O receio é o começo da sabedoria; para se amar sempre é preciso não ter a certeza de coisa nenhuma, nem mesmo da misericórdia de Deus.

Copyright by Agence Littéraire Internationale — Paris 5.º — Reprodução proibida

COMO PRINCIPIOU MARIA VON LOSCH, CONHECIDA POR MARLÈNE DIETRICH

POR CHRISTIAN KOESSLER, SEU ANTIGO PRECEPTOR

Existe uma fotografia de Marlène Dietrich em criança, representando-a sobre uma cadeira pesada e esculpida, segurando-se com as pequeninas mãos ao espaldar, vestidinha de branco e oferecendo o aspecto duma pequena muito ajuizada, excelente dona de casa no futuro. Era digna filha do capitão de cavalaria Von Losch. Os Von Losch pertencem à velha nobreza brandenburguesa, mas parece que um novo elemento se lhes misturou quando a filha do oficial superior, uma vez saída do liceu, decidiu consagrar-se ao estudo da música e entrar no Conservatório de Weimar. A sorte decidiu porém o contrário. O deslocamento de um pulso obrigou Marlène a renunciar à música.

Ha entretanto um «agente de ligação» entre a carreira musical de Marlène Dietrich e a sua carreira cinematográfica. Queremos referir-nos a Hugo Von Hofmansthal. Compreende-se facilmente que fôsse este poeta músico quem introduzisse no teatro essa rapariga apaixonada pela música. Para se consolar do acidente que lhe havia feito abandonar a sua arte preferida, Marlène consagrou-se a estudar o papel da ingénua da peça de Hugo Von Hofmansthal *O louco e a morte*. Como todas as jóvens que

sonham subir ao tablado, Marlène tornou-se uma frequentadora assídua do curso de teatro de Reinhardt, e encontrava-se aí num dia de exames, na expectativa dum milagre. As provas estavam já a terminar quando, descendo a escada, apareceu um simpático ancião de compridas barbas. Vendo junto da porta a loira rapariga com um livro debaixo do braço, perguntou-lhe, intrigado: «Que faz aqui?» — «Quería apresentar-me a exame», respondeu Marlène. — «Quem a recomenda?» — «Ninguém, porque não tenho relações. — «Está bem, suba e diga que vai da parte do sr. Kahane».

Kahane, que morreu ha alguns anos, era um dramaturgo de nome e um dos mais íntimos colaboradores de Reinhardt. Foi munida desta preciosa recomendação que Marlène se apresentou diante do júri, composto por Berthold Held e Albert Heine.

Recitou o papel da ingénua de *O louco e a morte*. «Perfeito!» exclamou Heine entusiasmado. «Aproveite-se». Embora o seu colega se mostrasse um pouco mais reservado, os dois homens acabaram por concordar e a sentença foi a seguinte: «...Condenada a um período de aprendizagem junto do ilustre professor Daniel...»



Uma expressão magnífica de Marlène no «Anjo Azul»

ENTRE FERAS

(Continuação da pág. 6)

— O homem — começou o gato — é, fisicamente, um animal por acalar. A falta de pele, embrulhase em trapos, para não morrer de frio; à falta de pernas, arrasta-se em carros de vários feios ou sobre uns cajados a que chama muletas; para ver, usa rodélas de vidro; para trepar, serve-se de escadas; para nadar, inventou as boias, e para voar, fabricou aeroplanos...

Pausadamente o leão puxou dum livro de apontamentos e tomou nota:

— Inferior, portanto, ao pássaro que voa, ao peixe que nada e à pulga que salta; inferior a ti, camarada felino, que te podes considerar o campeão dos escaladores. Continua.

«Rigoletto» continuou: — Estive três meses em casa dum veterinário que se dedicava à criação de galinhas e de meninos. Quando lhe nascia um filho, nascia-lhe também uma ninhada de pintos. Com esta diferença considerável: os pintos saíam dos ovos sôzinhos, e daí a cinco minutos já corriam a casa toda, a tasquinhar migalhinhas; o menino, para vir à luz, dava água pela barba ao físico, à comadre e a uma legião de criados; para comer, era preciso meter-lhe a papa na boca; para andar, tinham que o introduzir numa caranguejola de verga; e daí até ser um homem feito, sabe lá Vossa Magestade o trabalho que esse mostro dá a uma infinidade de mostros como ele? O dentista que lhe raspa a cárie; o calista que lhe desenerava as unhas; o barbeiro que o tosquia sob pena de ficar hediondo. Isto, já se vê, se é macho; porque, sendo fêmea, nem eu sei quantas vezes estes artificios se multiplicam.

— São então diferentes as mulheres? — Coitaditas — murmurou o gato, com desdém — fazem-me pena, principalmente quando considero os tormentos que elas passam para prolongar as suas aparências de juventude e de beleza. A decrepitude da espécie humana, acredite, não sofre a menor comparação com a resistência das outras espécies. Estou ali vendo, naquele galho de árvore, dôze periquitos que, seguramente, não têm a mesma idade...

— O da ponta, elucidou o leão, é o chefe da família: vai em 60 anos. Os outros são filhos, netos, bisnetos e trinetos. O mais novo ainda não fez três meses.

— Pois repare Vossa Magestade. São todos absolutamente iguais: a mesma elegância de talhe, o mesmo brilho e abundância de plumagem, a mesma vivacidade de olhares, a mesma graça de movimentos. Quería agora que Vossa Magestade visse um homem de 60 anos ao lado do filho de 20. O velho é, positivamente, um monstro. Cortava, tropeça, caíam-lhe os dentes, a cara parece cortiça em bruto, o crânio não tem um pêlo. É angustiada a vida destes desgraçados, sempre metidos em consultórios médicos, sempre à volta com operadores que os cortam, retalham, emendam, encurtam, consentam e deixam sem conserto. A mulher, inconformável com a lei da Natureza, pela qual, em todas as espécies, cumpre ao macho ser muito mais belo que a fêmea — é Vossa Magestade, se por natural delicadeza não deseja comparar-se com Sua Magestade a leão, pode comparar, *verbi et gratia*, o galo e a galinha, o pavão e a pavão, o peru e a peru — a mulher, dizia eu, sofre todas estas agruras a dobrar, porque tem a louca pretensão de ser mais formosa que o homem e toma muito a sério uns concursos em que a proclamam rainha.

— Se o homem é rei... — atalhou irónicamente o leão.

«Rigoletto», soberbo de veemência: — Rei, aquilo! Rei um mísero mortal que voluntariamente se faz súbdito e confere poderes descrençários a indivíduos iguais a ele! Rei um idiosincrásico da escravidão, que leva a existência inteira a obedecer a tiranos por ele próprio criados, desde o relógio, que o obriga a levantar da cama, até à peça de artilharia, que o reduz a montões de carne esfacelada! Basta dizer-lhe, Magés-

tade, que o homem, o néscio inventor do dinheiro, nem ao menos sabe confinar-se no espaço de tempo que a fatalidade da morte lhe concede para realizar a sua obra na terra. Não percebe que a sua condição de mortal o obriga a tornar-se dispensável. Quando morre, deixa sempre à sua volta uma teoria de compromissos insolúveis e de prejuízos irremediáveis.

O leão estava elucidado. Se alguém podia invejar as delícias da cidade civilizada, não era, positivamente, a selva, onde a sábia previsão da morte evita esses escalruchos sociais que são — o crêdor, o órfão ao desamparo e a viúva na miséria. Até o mais grave receio do leão — o de que o homem se impusesse pela inteligência — até esse começava a dissipar-se no seu espírito sob as últimas informações de «Rigoletto». Todavia, por descargo de consciência, indagou. E teve minuciosa notícia dos prodígios que o homem da cidade consegue realizar, nos domínios da Arte e da Ciência. Ouviu a descrição dos seus engenhos maravilhosos, desde o sismógrafo ao astrolábio. Inteirou-se das criações da Indústria e da Química. E, sem deixar o gato concluir, aconselhou, sorrindo:

— Olha, amigo: quando voltares ao teu país, dize ao homem que o peixe não precisa de sismógrafos para prever os abalos de terra, nem o choco de gases artificiais para se camoufler, nem a andorinha de sextantes para atravessar oceanos. E se ele te quiser deslumbrar com as suas artes manufactureiras ou com as suas ciências químicas, pergunta-lhe quem fabrica o mais precioso dos tecidos — a seda, e o mais delicioso dos alimentos — o mel. E agora basta de parola. Vamos almoçar!

Mano a mano com «Rigoletto», o leão engolfou-se na floresta. Depois de ter coleado um bom pedaço pela maranha densa da vegetação, toda palpitante de vôos e de gritos, encontrou-se à beira dum arroio, em cujas águas límpidas um velho abutre pertecava as asas. Calado, o leão começou a rastejar a caminho da ave, que distraída na faina da toilette, ainda não dera pela sua presença. Quando a distância entre os dois não ia além de dois metros, o leão endireitou-se, retirou as patas, e pulou como seta sobre o abutre. Houve uma restolhada de penas soltas, por entre as quais o abutre se esgueirou para a ponta dum ramo seco. O gato assistira àquela cena impassível, como perito em semelhantes sortidas. Vendo o leão embaçado pelo fracasso, procurou consolá-lo:

— Deixe lá; não se rale; abutres há muitos.

E depois duma pausa, que o leão desdenhosamente desprezara: — O que me admira é que Vossa Magestade não tenha aproveitado ainda agora, para almoçar, aquela magnífica ocasião em que toda a bicheza estava reúnida, para assistir à nossa conversa. Havia ali um casal de leopardos gordinhos, que eram mesmo uma tentação...

— Os leopardos — disse o leão, franzindo a testa — são animais da minha raça, como tu. Na selva não se mata a família.

«Rigoletto» procurou desculpar-se: — É boal! Na cidade ninguém se preocupa com essas ninharias. Estive em casa dum médico que matou os sobrinhos com bolos envenenados para apanhar uma herança que lhes pertencia. E toda a gente mata por ciúme, por vingança, por prazer, por tudo e por nada, quando lhe dá na gana. Até há mulheres que cortam os filhos às postas e os deitam pela pia abaixo.

— Pois na selva não se mata a família! — repetiu o leão, de má sombra.

— Está bem — concordou o gato, docilmente. Mas Vossa Magestade tinha ali petiscos de outra raça. Aquela gazelita cor de pérola...

— A gazela, como todos os outros animais, estava em minha casa, a meu convite. Na selva não se mata a traição.

— Pois na cidade, todos os meios servem para caçar o alimento. Vivi três meses com um sapateiro, que atraíu a casa um amigo,

pôs-se a brincar com ele, e quando o apañou dentro duma mala, fechou-a e foi deitá-la ao rio.

— Na selva, repetiu o leão, com voz mais surda — não se mata à traição.

— Todavia — insinuou páfidamente o gato — Vossa Magestade queria papar o abutre...

— Vejo — disse, com tristeza, o rei da selva — que estás fazendo um juízo muito errado da nossa conduta moral. Aqui mata-se, porque a conservação é uma necessidade imperiosa. A fome não tem lei. Uns sacrificam-se pelos outros. Mas mata-se apenas para comer, entendes? E mata-se nobremente, lealmente, em campo razo, à luz do sol. Espero que me tenhas compreendido, sob pena de te expulsar do meu reino, como já tenho quasi resolvido expulsar-te da minha família.

«Rigoletto», com estas palavras, vibrou intimamente de rancor; mas achou de bom juízo simular, fazer-se desentendido, tentar reaver as boas graças do soberano. Não julgasse Sua Magestade que ele aplaudia os processos usados pelo homem civilizado. Não senhor. Até lhe causavam a maior indignação. Mas as circunstâncias da existência, a dura necessidade de viver às sopas alheias, é que o levavam a ser um pouquinho hipócrita, quantas vezes a lamber certas mãos que o seu gosto seria dilacerar com as unhas.

O leão, calado, prosseguia no seu caminho, já propenso a arrepender-se da dureza com que tratara «Rigoletto». Na curva duma clareira, um belo casal de leões repousava sobre a folhagem: a fêmea meio enroscada em volta dum tronco, o macho estendido ao comprido, com a cabeça no regaço dela. O nosso herói, esquecido do gato, sentou-se a pequena distância, a contemplar o grupo amoroso. Nos seus olhos profundos e dourados havia uma expressão cujo sentido não escapou à perspicácia de «Rigoletto».

— Gosta dela? — perguntou num tom suave, que fez estremecer o leão.

— Quem to disse? — voltou este, surpreendido.

— Adivinhei.

— Nesse caso guarda um segredo que só tu consegues conhecer.

— Como? — fez o gato com espanto. Nunca lho disse?

— O leão encarou-o, sobranceiro: — Para quê?

— E assim que se começa...

— Não vêes que é casada, imbecil?

Desta feita, «Rigoletto» soltou uma sonora gargalhada.

Pois quê? Então isso era razão para que Sua Magestade desistisse? Então o leão não tem boca para falar, unhas para lutar, espírito para convencer? Então não havia maneira de arrancar uma fêmea ao domínio transitório do macho, pela força, pela manha, pela intriga ou pela persuasão? Perdoasse Sua Magestade, mas os seus escrúpulos davam-lhe vontade de rir.

E o gato ia outra vez escancarar as mandíbulas, nas convulsões dum riso desabado, quando um terrível rugido do leão o fez estremecer dos pés à cabeça.

— Onde aprendeste tu isso, canalha? Foi em casa do veterinário, em casa do médico, ou em casa do sapateiro?

O gato fitou o leão, entre recoso e trocista. Coçou uma orelha, cofiou os bigodes e disse, com adorável sinceridade: — Saberá Vossa Magestade que foi em todas!

Ao cair da tarde desse mesmo dia, o leão convocou a assembleia geral. Tinha, segundo anunciou, graves resoluções a tomar acerca do gato estrangeiro, que em má hora se lembrara de arribar àquelas paragens. E feito o silêncio, declarou:

— Recebi este gato na corte porque era animal da minha raça e porque o supunha ainda detentor das tradições dos seus antepassados. Deveis saber que o gato, oriundo da África Ocidental, era dotado de tão belas qualidades, que os antigos egípcios, animais selvagens como nós, chegaram a erguer-lhe altares votivos. Era um exemplo de lealdade,



Uma cena deliciosa da «Imperatriz Vermelha», com Marlène

Mann O professor Unrat. Foram distribuídos os papéis, excepto o da personagem Lola-Lola. Uma noite Sternberg dirige-se ao Teatro de Berlim para observar como trabalha Albers, ao qual deseja confiar um papel no Anjo Azul. Chama-lhe a atenção uma pequena actriz, que acaba por o conquistar, deslumbrado.

«Quem é?» pergunta ele. «É Marlène Dietrich», respondem-lhe.

Reina no estúdio uma grande efervescência. Sternberg convidou para um pequeno ensaio Marlène, pede-lhe para cantar qualquer coisa e aguarda com os olhos fitos no castão da sua bengala. Marlène avança hesitante... O operador dá à manivela implacavelmente. Canta a primeira cena sentimental que lhe acode ao espírito. «É maravilhoso!» exclama Joseph Sternberg. Marlène julga-se ridícula e chora nervosamente. Em seguida, a sua rival mais temível, também candidata ao papel de Lola-Lola, passa por sua vez diante do aparelho. A aprovação parece unânime. Mas Sternberg declara a sua vontade: «Fico com Marlène».

Desde esse dia Marlène Dietrich e Joseph Sternberg trabalham juntos em Hollywood. O entendimento entre a vedeta e o *metteur-en-scène* é tão completo que ambos parecem ter adoptado a mesma mascote: a gata que figura em todos os filmes de Marlène Dietrich. Mas não deixam de, igualmente, ter inimigos comuns.

A América não é apenas a pátria dos arranha-céus, é também a do falso puritanismo. Vê-se em Marlène uma rapariga sem pudor, a Lola-Lola de coxas impudicamente desnudadas, a sedutora desvergonhada. O divórcio súbito de Sternberg não passaria de uma simples coincidência?... Numerosas ligas femininas tomam posições contra a amorosa loira e a favor da esposa abandonada. Ninguém na América está ao abrigo deste género de escândalos... Nem os maiores... Nem mesmo Charlie Chaplin.

Mas o marido e a filha de Marlène veem juntar-se à vedeta em Hollywood. E a senhora von Sternberg tem que reconhecer ela mesma que Marlène não é essa amorosa dos pés à cabeça cujo desporto favorito consiste em roubar os maridos das outras.

Mal havia Marlène triunfado deste primeiro obstáculo, quando lhe foi preciso sustentar uma nova luta ao lado de Sternberg. Marlène é uma artista que se não limita a tomar conta dos seus papéis; vai até estudar o cenário, a tomar parte na organização do roteiro, na escolha da partitura musical. Quando surgiu um conflito entre o *metteur-en-scène* e os produtores americanos, cujas concepções artísticas eram muito divergentes, Marlène tomou o partido de Sternberg. Os potentados de Hollywood chamaram a atenção da vedeta para o facto de uma rutura com a sua sociedade cinematográfica lhe tornar impossível todo o trabalho, naquela região, enquanto durasse o contrato. Mas a decisão de Marlène estava tomada. Conservou-se solidária com o seu director de cena. Os dois artistas não hesitaram em desafiar, confiados unicamente no seu talento, a poderosa indústria cinematográfica de Hollywood. Como da sua luta contra os zelosíssimos defensores da virtude, Marlène saiu vitoriosa desta guerra contra os reis do filme.

Por último, também Hitler tentou triunfar da vontade da orgulhosa vedeta. Mas esta rejeitou as ofertas do ditador, dando assim prova de maior energia que muitos homens do Estado europeu.

Mas antes de se tornar artista, Marlène tornou-se esposa e mãe. Um dia — ainda ela era apenas no teatro uma simples discípula — um produtor cinematográfico pediu ao director da escola onde Marlène se iniciava na arte dramática que lhe enviasse duas discípulas para fazerem papéis de mulheres de costumes fáceis. A escolha recaiu sobre Grete Mosheim e Marlène Dietrich. Isto foi para a filha do oficial uma cartada decisiva. Esse momento não foi certamente o da inauguração da sua carreira de star, mas devia proporcionar-lhe ensejo para encontrar um espôso encantador, o produtor Hudi Siebold.

Marlène passou a noite a idealizar e realizar um extravagante vestido de brocado verde, e foi com esta ousada toilette, os formosos cabelos de ouro sábiamente desgredados e um monóculo na órbita esquerda que se apresentou no dia seguinte no estúdio. Esta Lola-Lola primeira maneira não conquistou ainda o mundo, mas fez uma outra conquista não menos preciosa e não tardou que se tornasse a senhora Siebold, e em breve a feliz mamã da encantadora Heibede.

Mas o ambiente familiar não fez com que Marlène renunciasse nem às luzes da ribalta nem às dos projectores eléctricos. Entretanto, não lhe confiam de começo senão papéis insignificantes e os críticos mal lhe conhecem o nome. Não tarda, porém, que comecem a notar Marlène. Quasi simultaneamente, alcança a sua primeira vitória no *écran* com *A mulher que se deseja*, filme com que, encarnando pela primeira vez a mulher fatal, entra, enfim, no seu domínio privado.

Evidentemente nem tudo são rosas na carreira duma artista. Mas na vida de cada estrela de cinema ha um momento inesquecível, um momento que tem mais de conto de fadas do que de realidade. A carreira de Marlène conheceu este instante único.

Joseph Von Sternberg, o célebre *metteur-en-scène* da Ufa, propôs-se adaptar ao *écran* o romance de Heinrich

precauções. Lord Thame garantia a sua mulher que o palácio estava minado e que bastaria uma pequenina faísca para o fazer ir pelos ares. Mas Enide só receava o incidente à noite, depois de os guardas terem adormecido. Estava muito apaixonada para poder raciocinar, e mesmo o raciocínio não era o seu forte, como provara com o casamento.

Receando que, pela repetição, ela se habituasse a êsses perigos e perdesse o efeito salutar, lord Thame abandonava-a pretextando longas inspecções na enorme província, justificadas por fantasiosas notícias, especialmente destinadas à mulher do governador anunciando rebeliões por toda a parte. Assim, Enide não vivia, ou antes, vivia duplamente, como todas as pessoas que receiam pela vida do ente amado. A pedra azul brilhava intensamente.

Uma única mulher conheceu uma existência de apaixonada semelhante à de Enide: a czarina Alexandra Féodorovna, espôsa do imperador Alexandre Nicolau da Rússia. As suas condições oferecem grande semelhança, apenas com esta diferença: lord Thame era de certo modo o principal inventor dos perigos de morte que corria e o maquinista em chefe da sua própria máquina infernal.

Dez anos decorreram assim como um só dia, acidentados por viagens de onde havia poucas probabilidades de voltar, e de noites memoráveis em que os dois trocavam despedidas que poderiam tornar-se eternas. Nesta altura lord Thame atingia os sessenta anos e Enide ia fazer trinta.

Sucedeu que, para festejar o seu aniversário natalício, seu marido anunciou a peste nas Índias. Tratava-se apenas de meia mentira, porque a peste era aí permanente. Nessa manhã, apenas nascido o sol, troaram os canhões. Foram colocadas bandeiras em todos os edifícios públicos, nos bancos e nos navios. Vista do palácio do Governo, dir-se-hia ter brotado na cidade uma plantaçãõ de flôres doiradas pairando sôbre a baía um bando de aves multicolores.

Uma carta, acompanhada de um ramo de rosas, advertiu Enide de que era necessário partir; todas as mulheres dos funcionários ingleses deixariam Trichnapur dentro de vinte e quatro horas. Lady Thame tinha que dar o exemplo; o vapor levantava ferro no dia seguinte. Enide não tinha tempo de tornar a ver o marido, ocupado em visitar os pestíferos. (Continua na pág. 46)



A TURQUESA

PELA PRINCESA BIBESCO

ILUSTRAÇÕES DE MAMÍ GAMBIRO

ENIDE, mulher de lord Thame, governador de Seringapatan, possuía uma pedra azul dum grande valor moral, por isso se não separava dela, nem para dormir, nem sequer para tomar banho. Era uma pedra verdadeiramente azul, uma turquesa viva. Enide tinha-a adquirido na Pérsia, onde a côr azul é elevada às núvens; encontra-se envolvendo as mais altas tôrres e em todos os lugares onde os peixes vermelhos nadam no azul; é a côr do tempo que não muda e do amor invariavelmente fiel.

Entre os persas, povo supersticioso, uma turquesa é apreciada enquanto se conserva azul, como uma mulher enquanto é nova: amar e apreciar constituem uma palavra única. O país nem por isso deixa de contar uma enorme quantidade de *houris* em decadência, e os negociantes de pedras preciosas têm por hábito exercer o seu comércio em bazares escuros como fornos à luz mentirosa de candeias: à noite, todas as turquesas são azúes.

Os que vendem essas pedras que mudam de côr costumam dizer aos que as compram que elas caíram do céu e simbolizam as variantes do amor dos homens, longas ou breves. O manhoso negociante que vendera a Enide o seu quinhão de felicidade tinha-lhe dito: «Compra esta, se queres ser sempre amada. É azul como o olho da lebre, azul como a língua do papagaio, azul como a estrêla da manhã. Não mudará de côr senão quando o amor de Medjoûa mudar para Leila».

Na Pérsia não se conta às crianças senão uma história de amor, sempre a mesma: a de Medjoûa e de Leila. Eles são os amantes célebres do Oriente, porque se amaram um dia e depois eternamente.

A estes povos do Oriente o milagre pareceu tão grande, o amor eterno uma invenção de tal modo admirável que, desde então, toda a gente fala nele sem que alguém o tivesse visto repetido.

Na véspera do dia seguinte ao do seu casamento,

Enide tinha dito a lord Thame, seu marido, mostrando-lhe a pedra azul: «Meu amor, isto é um talisman. Se um dia deixares de me querer, ou se o meu amor por ti diminuir, esta pedra mudará imediatamente de cor: tornar-se-ha verde e morrerá». Ora seu marido, olhando atento a jóia, reparou que a pedra não era já completamente azul. Mas nada disse...

Enide e seu marido haviam casado, contra todas as vontades e oposições, cada um por si, e Deus por todos quantos tentaram contrariá-los.

A primeira vez que se tinham encontrado fôra num jardim de Teheran, em casa de Sir John O'Kelly, ministro da Inglaterra na Pérsia, tio de Enide. Tudo devia separá-los e acima de tudo os seus itinerários: lord Thame

voltava das Índias pelo caminho do Golfo Pérsico; Enide vinha do Mar Cáspio com destino a Espanha. E depois, a diferença de idades: Lord Thame tinha atingido cinquenta anos, conquanto o não parecesse; Enide ia completar vinte anos. Isto dava bem nas vistas. Além destas divergências, havia entre êles dois abismos: êle era inglês, ela irlandesa; êle era casado, ela era católica. Por último, lord Thame, tendo começado a sua carreira por uma repressão na Irlanda, que custara a vida a vinte mancebos, entre os quais se contava o pai de Enide, era mais que provável que ela lhe devia o ser filha póstuma. Ambos evitaram abordar, mesmo de leve, êste assunto escabroso, sem quererem profundar o abismo. Mas lord Thame cometeu uma imprudência: Enide havia descalçado as luvas para servir o chá no jardim. Todo o tempo que durou a sua visita, êle acariciou, como se fôsem um casal de tenros passarinhos, êsse par de luvas domesticadas. Não teve coragem de lhas restituir. Ela olhava-o, deslumbrada, como se esta acção, absolutamente maquinal, inspirada a um homem que vinha de longe impellido pelo desejo de rever a Europa, tivesse sido resultante de uma grande coragem. E repetia a dentro do seu coração: «Que ousadia! Mas como é que se atreve?» e não se movia mais do que um pássaro hipnotizado, com receio de que o encantamento acabasse.

Um ano passou sôbre a recordação desta carícia indirecta sem a apagar. Enide tinha voltado para a Irlanda, o país sempre verde...

Em 19... a notícia dum atentado frustrado nas Índias chegou à Europa e deu lugar a aparecer em todos os jornais de Inglaterra a fotografia de lord Thame. Enide concluiu dos comentários da imprensa que êle estava bom e escreveu-lhe uma carta felicitando-o por haver escapado ao assassinio, mas não recebeu resposta. Então resolveu escrever-lhe todos os dias. É inconveniente uma rapariga manter correspondência com um estranho, mas desde o momento em que só ela escrevia, deixava de haver correspondência.

Quando se tornaram a ver foi uma noite na baía de Aden. Apenas o viu, Enide correu a lançar-se-lhe nos braços. Êle disse-lhe: «Meu querido amor! Ha-de ser enterrada em Hill-Hall, no norte da Escócia, onde a terra é vermelha!»

Foi a sua declaração e foi assim que a pediu em casamento. Voltando das Índias havia perdido sua mulher, desde muito doente. E, por excesso de precaução, tinha-a perdido no mar. O caixão fôra lançado ao Oceano Índico. O lugar estava livre; livre também em Hill-



-Hall, no cemitério de aldeia onde ficavam os jazigos dos chefes, na mesma terra.

Os amigos das duas famílias esgotaram-se em predições desgraçadas: — Que loucura desposar uma rapariga tão nova! diziam as viúvas escocesas.

— Que sacrilégio casar com o assassino de seu pai! diziam os irlandeses.

Ninguém em Dublin, nem em Edinburgo, recordou o exemplo de Chimène; talvez até o ignorassem. À saída da igreja, lord Thame tinha jurado a sua mulher não que a amaria sempre, o que seria apenas uma vulgaridade, mas que se faria amar toda a vida, voto mais difícil de pronunciar.

A nova lady Thame teve o cuidado de se vestir severamente de setim preto e lã cinzenta. O pintor que fizera o seu retrato havia-lhe dito que estes tons eram particularmente propícios para fazer sobressair o azul. De facto, sôbre o fundo sombrio do seu vestido só a turquesa ressaltava.

— Não procure parecer mais velha, meu amor, tinha-lhe dito o marido no decorrer de uma das sessões de *pose*. E acrescentou: Um coração que quere conservar-se fiel não receia a mocidade.

Pouco tempo depois do casamento, aprouve ao Primeiro Ministro nomear lord Thame governador da cidade e província de Trichnapur, com residência em Seringapatan. Quando ali desembarcaram foram recebidos com honras quasi divinas. Mas, apenas instalados no palácio do Govêrno, lord Thame disse a sua mulher:

— A cidade não é tão segura como parece, minha querida. Para despistar as conjurações dos Maltaia, não devemos dar a conhecer o lugar onde todas as noites nos encontraremos.

«Para maior segurança, minha alma, êsse lugar não será o mesmo duas noites seguidas. Durante o dia, só em público a poderei ver, e apenas às horas das refeições.

Enide ficou cheia de medo escutando as palavras de seu marido. Passou daí em diante os dias esperando as misteriosas instruções que pela tarde lhe eram trazidas por um criado hindu da confiança do marido. Ora tinha que se dirigir à meia noite para um pequenino aposento que lhe fazia lembrar os quartos mobilados dos arredores de Londres, tendo para isso que atravessar os subterrâneos blindados dum banco; ora a conduziam, vestida de bailadeira, ao átrio dum velho templo abandonado, onde encontrava o marido vestido como Harun-al-Rasehid, quando visitava, dis-

farçado em mendigo, a sua cidade de Bagdad. Na noite seguinte era levada para a casa das máquinas dum grande jornal e metida num elevador que a transportava ao terraço dum edificio moderno, transformado em jardim. Aí achava-se lord Thame disfarçado em vendedor de jornais.

Outra noite o encontro era marcado para uma plantação de palmeiras. Acomodada sôbre o dorso dum elefante, tinha que andar dez léguas por campos desabitados para encontrar o marido, que a esperava, como Jacob a Rebeca, junto de um poço, ao luar. Outra, ainda, ia à pesca ao candieo e no barqueiro reconhecia os traços do marido.

Uma ou duas bombas rebentaram à passagem do governador, nas primeiras semanas, justificando estas



Explicação do sorteio dos prémios d'este número extraordinário

Atingindo a tiragem do número especial da *Eva* do Natal cento e vinte mil exemplares e fazendo-se o sorteio dos prémios que a *Eva* distribui como bônus ás suas leitoras de harmonia com o sorteio da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de 22 de Dezembro corrente, que se compõe somente de 12.000 bilhetes, numerados seguidamente de 1 a 12.000, necessário se tornou formar 10 séries distintas com os referidos 120.000 exemplares.

Cada série não podendo ser constituída por mais de 12.000 exemplares, pois tantos são os bilhetes da referida lotaria, criaram-se 10 séries dentro da tiragem da *Eva*, visto que 10 vezes 12.000 exemplares é igual a 120.000 exemplares. Teremos, assim, 12.000 de cada uma das séries, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 0.

Os exemplares de cada série, além de terem impresso o algarismo indicativo da série, serão numerados a seguir, tal como os bilhetes da próxima lotaria de 22 de Dezembro, desde 1 a 12.000.

Distribuí a *Eva* dez prémios de primeira categoria, que são os seus 10 primeiros prémios, e idênticamente 10 segundos e 10 terceiros.

Os primeiros prémios pertencerão aos 10 possuidores dos exemplares da *Eva* numerados com o número da lotaria que for contemplado com o primeiro prémio da lotaria do Natal, e respectivamente os 10 segundos prémios aos 10 portadores dos exemplares da *Eva* numerados com o número do bilhete que obtiver o segundo prémio da lotaria, e os 10 terceiros prémios, idênticamente aos 10 apresentantes dos 10 exemplares da *Eva* numerados com o número contemplado com o terceiro prémio da lotaria do Natal.

Não sendo, porém, iguais entre si todos os 10 primeiros prémios da *Eva*, nem todos os 10 segundos, nem todos os 10 terceiros, torna-se indispensável designar a quem pertence cada um d'esses prémios.

Para isto, entram as séries em acção.

Como funcionam, então, as séries? É isso que vamos explicar. Suponhamos, pois, que o número da sorte grande foi o 4898 e que as 10 leitoras da *Eva* possuidoras dos 10 exemplares com este número se apresentam a reclamar os seus prémios. A quem pertencerá a casa? A quem o «Hupmobile»? A quem o «Studebaker»? etc. É ainda a sorte que o determina e, para isso, teremos que saber qual o número do bilhete da lotaria do Natal contemplado com o segundo prémio da Misericórdia. Seja este, suponhamos, o n.º 1025. Como o número 1025 termina em 5 será a possuidora do exemplar da *Eva* com o número 4898 da série 5 a contemplada com o primeiro prémio n.º 1, isto é a casa.

No quadro seguinte figura a ordem de classificação dos 10 primeiros prémios:

Ordem de classificação dos primeiros prémios

Número de ordem	
N.º 1	Casa
» 2	Automóvel «Hupmobile»
» 3	» «Studebaker»
» 4	» «Austin Ten Four»
» 5	Mobília da Casa Quintão, Ltd.*
» 6	Mobília dos Grandes Armaz. Nascimento, do Porto
» 7	Mobília da Casa Quintão, Ltd.*
» 8	Façoiteiro da Joalheria do Carmo
» 9	Casa de banho completa
» 10	Máquina de costura «Mundlos»

Apurada a série a que pertence o primeiro prémio n.º 1 do quadro acima (no nosso exemplo a série 5), a distribuição dos outros prémios aos restantes nove exemplares da *Eva* numerados com o número 4898, far-se-á conforme a ordem por que seguem os algarismos indicativos das séries na seguinte figura, começando pela série 5 e marchando no sentido do andamento dos ponteiros do relógio:



E assim, a série 6 corresponderá o primeiro prémio n.º 2, a série 7 o n.º 3, a série 8 o n.º 4, a série 9 o n.º 5, e assim sucessivamente.

A distribuição dos segundos prémios pelas séries far-se-á semelhantemente, tendo em consideração o quadro dos segundos prémios e a terminação do número do bilhete contemplado com o terceiro prémio do Natal:

Ordem de classificação dos segundos prémios

Número de ordem	
N.º 1	Máquina de costura «Mundlos»
» 2	Aparelho T. S. F. «Clarion»
» 3	Máquina de costura «Singer»
» 4	Máquina de costura «Mundlos»
» 5	Serviço de «toilettes» de prata, da Joalheria do Carmo
» 6	Aparelho T. S. F. «Schaub»
» 7	Outro aparelho da mesma marca e valor
» 8	Floreira da Joalheria do Carmo
» 9	Máquina de costura «Singer»
» 10	Outra máquina da mesma marca e valor

E a distribuição dos terceiros prémios da *Eva* far-se-á pelas *Evas* numeradas com o número contemplado com o terceiro prémio da lotaria e a sua distribuição pelas séries regular-se-á pela terminação do número do primeiro prémio da lotaria do Natal e de acordo com o quadro de classificação dos terceiros prémios e mais normas estabelecidas atrás.

Ordem de classificação dos terceiros prémios

Número de ordem	
N.º 1	Aparelho T. S. F. «Sparton»
» 2	Floreira de prata
» 3	Mobília de junco
» 4	Façoiteiro de alpaca
» 5	Compras nos Grandes Armazens do Chiado
» 6	Cangrião de prata
» 7	Aparelho T. S. F. «Lyric»
» 8	Outro aparelho da mesma marca
» 9	Cesto de prata, para pão
» 10	Serviço de cristal «Portieux»

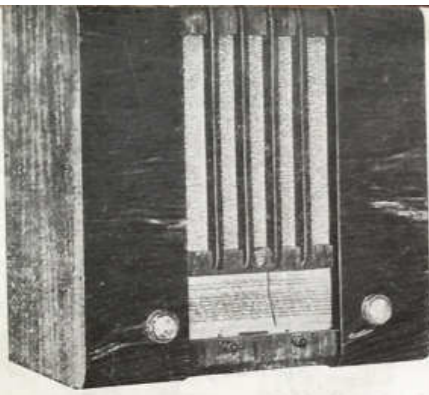
E além disto, que esperamos todas as leitoras percebam claramente com um bocadinho de atenção, a *Eva* anunciará no *Diário de Notícias* de 23 de Dezembro corrente, em todos os placards do mesmo jornal, e no número próximo da própria *Eva*, quais os números e séries d'este número extraordinário que foram premiados, e os prémios que a cada um couber. Desta forma, toda a gente será esclarecida sobre qualquer dúvida que lhe fique.

N.º 101819

SÉRIE 8

Extração a 22 de Dezembro de 1934
da Misericórdia de Lisboa

A validade d'este «coupon» termina no prazo de 90 dias



2.º prémio n.º 6 — Da casa Olavo Cruz



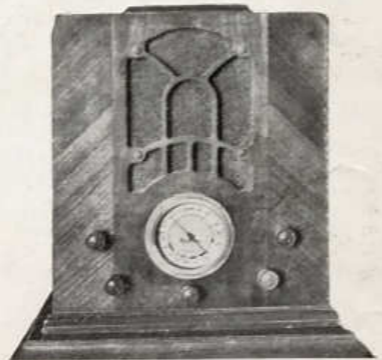
2.º prémio n.º 3 — Máquina de costura «Singer»



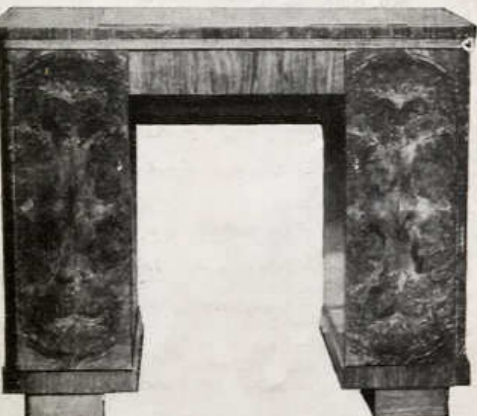
3.º prémio n.º 4 — Da casa «Au bon marché»



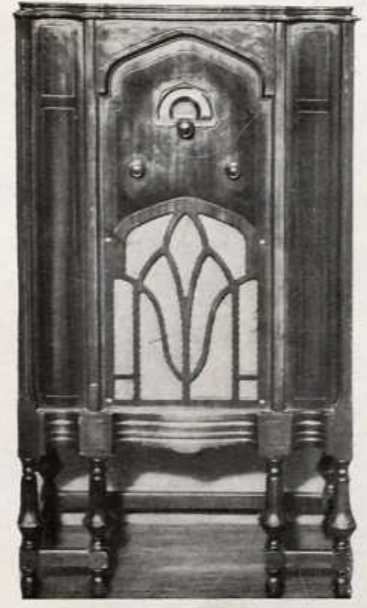
2.º prémio n.º 8 — Da Joalheria do Carmo



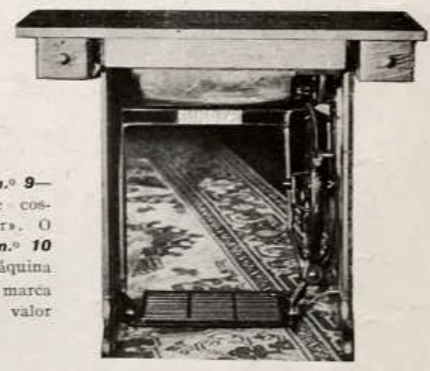
3.º prémio n.º 1 — Aparelho «Sparton», da casa Cid & Diniz



2.º prémio n.º 1 — Máquina de costura «Mundlos»



2.º prémio n.º 2 — Da casa Serras



2.º prémio n.º 9 — Máquina de costura «Singer». O 2.º prémio n.º 10 é outra máquina desta grande marca e de igual valor



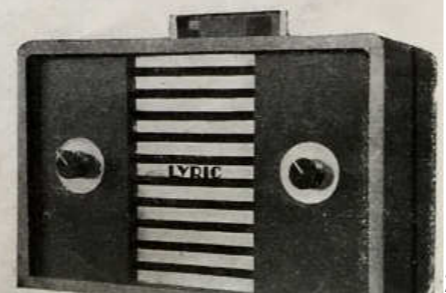
3.º prémio n.º 2 — Da casa A. L. de Sousa



3.º prémio n.º 10 — Do Salão de Artes Decorativas



3.º prémio n.º 5 — Artigos dos Grandes Armazens do Chiado



3.º prémio n.º 7 — Da casa Olavo Cruz. O 3.º prémio n.º 8 é um aparelho da mesma marca e valor

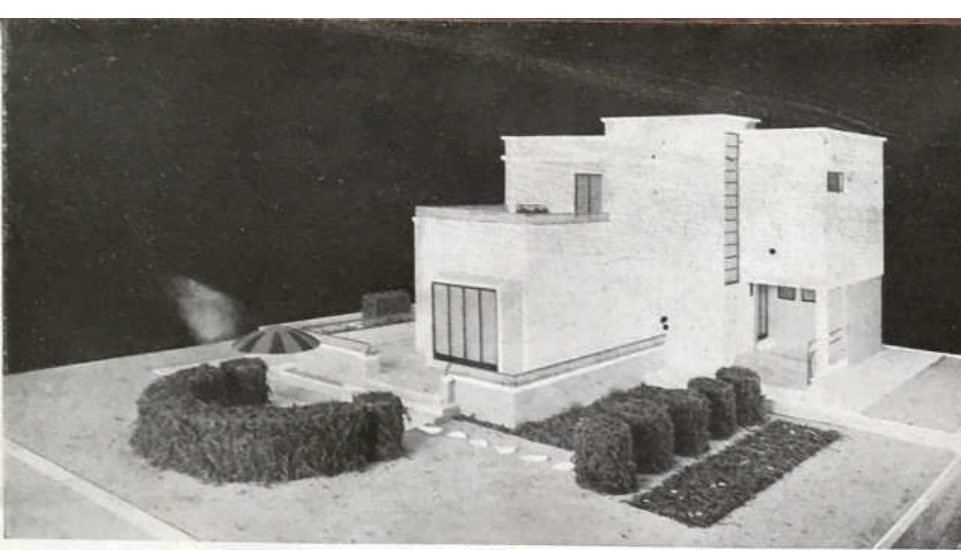
Prémios do número do Natal da «Eva»



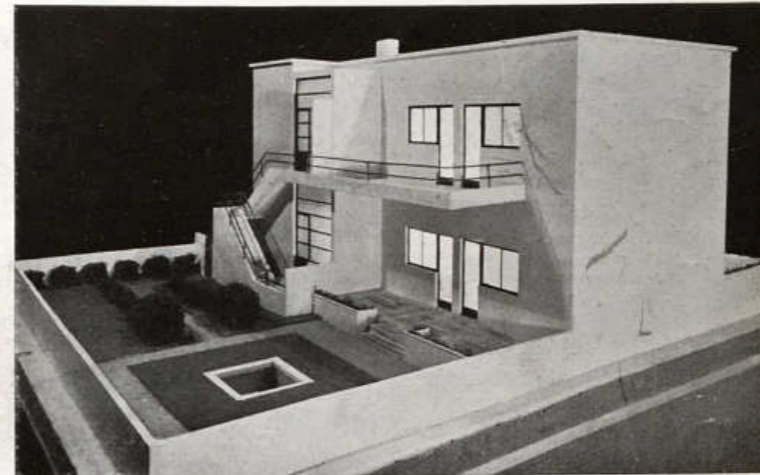
3.º prémio n.º 3 — Da casa H. Drummond Castle



1.º prémio n.º 7 — Da casa Quintão, L.ª



1.º prémio n.º 1 — Encantadora moradia que também poderá



ser, à escolha da contemplada, um belo prédio de rendimento



3.º prémio n.º 6 — Da Joalheria do Carmo



1.º prémio n.º 8 — Da Joalheria do Carmo



1.º prémio n.º 10 — Máquina de costura «Mundlos» — Representante: J. A. Braz



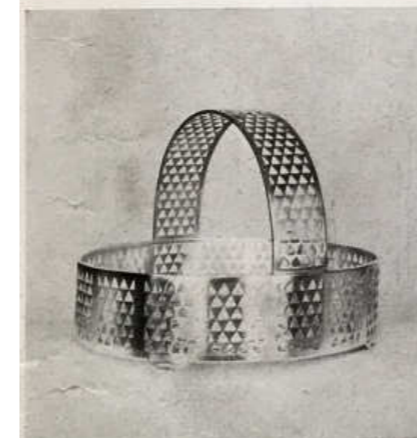
1.º prémio n.º 3 — Automóvel «Studebaker» — Representante: C. Santos, L.ª



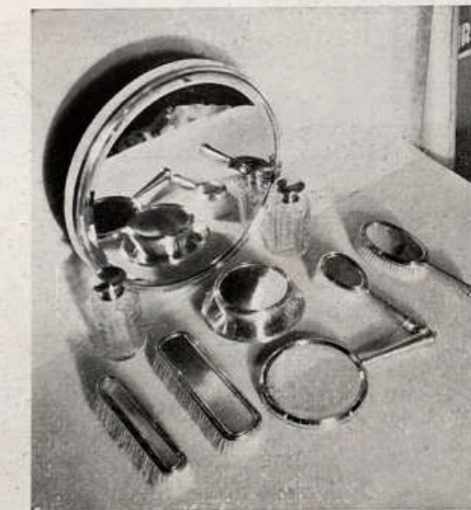
1.º prémio n.º 4 — Automóvel «Austin Ten Four» — Representante: J. J. Gonçalves



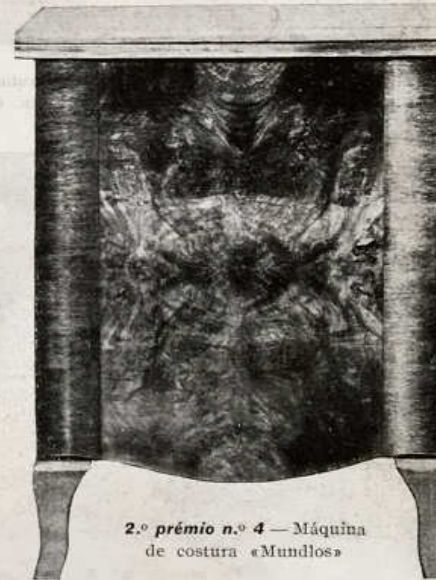
1.º prémio n.º 5 — Da casa Quintão, L.ª



3.º prémio n.º 9 — Da Joalheria do Carmo



2.º prémio n.º 5 — Da Joalheria do Carmo



2.º prémio n.º 4 — Máquina de costura «Mundlos»



Nesta página e nas duas que se lhe seguem vão representados nas gravuras todos os prémios pertencentes ao grande número extraordinário do Natal da *Eva*. As pessoas a que a sorte não favoreça, tornando-as possuidoras de qualquer deles, poderão pelo menos ajuizar da importância e valor deste empreendimento sem precedentes no nosso meio editorial. Repare-se que mesmo os prémios de terceira categoria são tentadores, em todo o sentido.

1.º prémio n.º 2 — Automóvel «Hupmobile» — Representante: Rios de Oliveira & C.ª Filhos



A esquerda:

1.º prémio n.º 6 — Dos Grandes Armazens Nascimento, do Porto

A direita:

1.º prémio n.º 9 — Da casa Júlio Gomes Ferreira

